

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
CÉLIO DALVIM BRAGA

EXCLUIDOS NA ERA DA INFORMAÇÃO

CURITIBA

2011

CÉLIO DALVIM BRAGA

EXCLUIDOS NA ERA DA INFORMAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina Metodologia da Pesquisa Científica como requisito parcial para aprovação no curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Mídias Integradas na Educação, Coordenação de Integração de Políticas de Educação a Distância da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Luis Gabriel Abravanel dos Santos

CURITIBA

2011

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus filhos, Marina e Lucas, que além de colaboradores, são os grandes incentivados quando inicio um projeto como esse.

Agradeço a minha esposa, Sandra Regina, pela paciência e complacência que teve nas minhas ausências.

Agradeço em especial ao meu professor orientador Prof. MS. Luis Gabriel Abravanel dos Santos, pois com suas orientações, teve uma grande contribuição na construção desse trabalho.

Agradeço aos meus pais, pelo suporte para as minhas realizações.

Agradeço a minha tutora Ana Beatriz Albino, que com muita eficiência conduziu os trabalhos do curso, e com isso me fez apropriar de conhecimento para que pudesse aplicar neste trabalho.

Agradeço aos meus colegas de curso, pois sem eles a caminhada pela conclusão do curso seria muito mais árdua, em especial a Regina, que se tornou uma grande amiga.

“Por vezes sentimos que aquilo que fazemos não é senão uma gota de água no mar. Mas o mar seria menor se lhe faltasse uma gota.”

Madre Teresa de Calcutá

RESUMO

Apesar de toda a informação disponível hoje - ofertada pelos diferentes tipos de mídias -, muitas vezes percebe-se uma distância ainda grande entre elas e os alunos, principalmente aqueles que estudam no período noturno. Neste trabalho, esses indivíduos são vistos como os "Excluídos da Era da Informação". Nesse sentido o trabalho investiga por meio de uma pesquisa quais as dificuldades enfrentadas pelos alunos do ensino noturno em relação aos outros períodos. A pesquisa foi realizada no Colégio Estadual Padre Jerônimo Onuma, de São Sebastião da Amoreira – Paraná, no período de setembro e outubro de 2010, onde foi averiguado qual era o grau de informação, acesso a meio de comunicação e acesso a informação, que alunos dos diferentes períodos possuíam. O objetivo era levantar dados para identificar as desigualdades existentes entre um período e outro e as dificuldades que os alunos do período noturno encontram ao se apropriarem de informações. O resultado demonstra uma disparidade muito grande entre um período e outro com relação ao acesso a tecnologias, mídias e informação.

Palavras-chave: Excluídos. Mídias na educação. Meios de Informação. Ensino Noturno

ABSTRACT

In spite of all the available information that have today - ofertad for the different mídias types -, a lot of times we still noticed a distance big among them and the students, mainly those that study in the night period. In this work, those individuals are seen as Excluded them " of the Era of the Information ". In that sense the work investigates by means of a research which the difficulties faced by the students of the night teaching in relation to the other periods. The research was accomplished in the School State Priest Jerônimo Onuma, of São Sebastião of Amoreira - Paraná, in the period of September and October of 2010, where it was discovered which was the degree of information, access to middle of communication and access the information, that students of the different periods possessed. The objective was to lift data to identify the existent inequalities among a period and other and the difficulties that the students of the night period find to the if they adapt of information. The result demonstrates a very big disparity between a period and another with relationship to the access to technologies, mídias and information.

keywords: Excluded. Medias in the education. Half of Information. . Nocturnal education.

SUMÁRIO

RESUMO	5
ABSTRACT	6
1. INTRODUÇÃO	8
1.1 Problema de Pesquisa	8
1.2 Objetivos	8
1.2.1 Objetivo Geral	9
1.2.2 Objetivos Específicos	9
1.3 Justificativa	9
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
2.1. Conceituando Exclusão Digital	11
2.2. Dados da Exclusão Digital	13
2.3. Os meios de comunicação e as tecnologias da informação na Escola ..	14
2.4. Uma nova abordagem pedagógica	15
2.5. A função da Escola	16
3. SITUAÇÃO EM ESTUDO	18
3.1 Caracterização Geral do colégio em estudo	18
3.2 Aspectos Históricos da Escola	18
3.3 Espaço Físico	21
3.4 Oferta de Cursos e Turmas	21
4. METODOLOGIA	22
5. PESQUISA DE CAMPO	22
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
7. REFERÊNCIAS	27
ANEXO	29
ANEXO A – QUESTIONÁRIO DA PESQUISA	30

1. INTRODUÇÃO

As tecnologias se sucedem uma a uma. Não há como ignorar nem como evitar tais mudanças, pois estão se tornando cada vez mais presentes em nosso dia a dia, seja por meio da televisão, do rádio, da telefonia e principalmente da informática. A informática superou os outros meios de comunicação principalmente pela velocidade com que as coisas se realizam, por isso dizemos que estamos vivendo na era digital.

Mas mesmo com toda essa informação, percebe-se que alguns alunos – principalmente do ensino noturno – não conseguem se apropriar delas. Diante disso, este trabalho propõe uma pesquisa para detectar as deficiências que os alunos deste período possuem para conseguir informação.

1.1 Problema de Pesquisa

No contexto educacional constata-se a necessidade de um aprendizado contínuo, que desperte a capacidade de análise, uso da informação ao longo da vida, para que os alunos possam atuar como cidadãos ativos em uma sociedade baseada no alto valor da informação e nos rápidos avanços tecnológicos.

Quais as deficiências que os alunos de segundo grau, tendo como referência o ensino noturno do Colégio Estadual Pe. Jerônimo Onuma de São Sebastião da Amoreira, encontram para poderem se inserir na chamada Era da Informação?

1.2 Objetivos

A seguir é descrito o objetivo geral, assim como os objetivos específicos do presente trabalho.

1.2.1 Objetivo Geral

Detectar por meio de pesquisa de campo e bibliográfica as dificuldades enfrentadas pelos alunos do segundo grau, ensino noturno, para poderem se

apropriar de conhecimento e não estarem inseridos nos chamados “Excluídos da Era da Informação”.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Investigar quais as dificuldades enfrentadas pelos alunos do ensino noturno na apropriação de informações.
- Investigar formas dos alunos a buscarem a informação e assim produzirem meios para divulgar o conhecimento.
- Identificar tecnologias e ações pedagógicas que visem a inclusão de informações para os alunos.

1.3 Justificativa

Apesar de toda informação ofertada pelos diferentes tipos de mídias, muitas vezes percebe-se uma grande distância entre elas e os educandos. Estes educandos merecem uma abordagem voltada especificamente às mídias em suas diversas formas. Existe uma grande porcentagem de alunos que são trabalhadores e possuem pouco tempo para poder se apropriar de conhecimentos atuais.

No mundo contemporâneo a informação se converteu na principal força positiva existente, levando as organizações à busca constante de seu gerenciamento e dos comportamentos a ela relacionados, como formas de contribuir para uma aprendizagem organizacional consistente e assim obter maior eficiência e desempenho.

Neste contexto considera-se que a maioria dos educandos que frequentam os cursos noturnos são excluídos, por encontrarem dificuldades ao acesso a informação. Essas dificuldades são, muitas vezes, decorrentes da falta de disponibilidade de tempo ou por falta de acesso as mídias necessárias à apropriação de informações.

Diante disso torna-se necessário o desenvolvimento de propostas de trabalho que utilizem vários tipos de tecnologias e meios de comunicação em atividades pedagógicas.

Para tanto, propomos o desenvolvimento de ações para tratar temas diversos, como as últimas notícias dadas em jornais, revistas, rádio, televisão e Internet. Para isso se faz necessário uma pesquisa sobre as dificuldades que cada educando encontra para ter acesso a diferentes tipos de informação.

Diante do conhecimento das dificuldades, encontrarmos soluções que possam levar os “Excluídos da Era da Informação” material necessário para a apropriação de informações.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A seguir é apresentada a base teórica do presente trabalho, no qual é abordado o tema de inclusão digital, meios de comunicação e tecnologia nas escolas, as abordagens pedagógicas, inclusive com a proposta de uma nova abordagem e por fim a função da escola.

2.1. Conceituando Exclusão Digital

O termo exclusão social tem sido empregado em contextos variados, porém, de uma maneira geral, refere-se às desigualdades entre os indivíduos de uma sociedade. No entendimento dos autores, conforme já discutido em (Tambascia et al., 2006), esse termo diz respeito a um processo amplo e multidimensional, que transcende a perspectiva econômica clássica, calcada nos indicadores de renda. Castells, por exemplo, define exclusão social como:

“O processo pelo qual determinados grupos e indivíduos são sistematicamente impedidos do acesso a posições que lhes permitiriam uma existência autônoma dentro dos padrões sociais definidos por instituições e valores inseridos em um dado contexto” (1999b: 98).

Por essa linha, os indivíduos ou grupos inseridos em um processo de exclusão social são impedidos de construir e vivenciar os valores e normas de um sistema social multifacetado. Castells aponta também que os limites desse processo são flexíveis, e “os excluídos e incluídos podem se revezar nesse processo ao longo do tempo, dependendo de seu grau de escolaridade, características demográficas, preconceitos sociais, práticas empresariais e políticas governamentais”.

O termo exclusão digital, segundo outros autores, refere-se à defasagem entre indivíduos, residências, empresas e áreas geográficas, de diferentes níveis sócioeconômicos, em relação às suas oportunidades de acesso às novas tecnologias e ao uso da Internet para várias atividades. Ela causa consequências sociais, econômicas e culturais devido à distribuição desigual no acesso a computadores e a Internet.

Para Freire (2006):

O analfabetismo digital, ao afetar a capacidade de aprendizado, a conectividade e a disseminação de informações, gera consequências virtualmente em todos os campos da vida do indivíduo. [...] Por isso mesmo,

processos de inclusão só ocorrem se a ampliação do acesso a qualquer uma das mídias existentes for acompanhada da inserção dos indivíduos em um universo cultural e intelectual mais rico que os motivem a utilizá-las. [...] Os elementos necessários para inclusão não devem contemplar apenas o acesso físico à infraestrutura e a conexão em rede e computadores, mas, especialmente, a capacitação das pessoas para utilizar estes meios de comunicação da informação e, principalmente, para criar a possibilidade de uma incorporação ativa no processo todo de produção, compartilhamento e criação cultura (Freira, 2006, p. 58-67).

Baggio (2000) argumenta que o ingresso da humanidade na era da informação é um fato, mas pouco acessível ao grande público. Segundo o autor, agora temos uma infinidade de soluções digitais, cada dia mais surpreendentes e avançadas. Entretanto, se esse conhecimento acumulado não é compartilhado, corremos o sério risco de ver ampliado o abismo que separa os ricos dos pobres. Em um mundo cheio de pobreza e grandes desigualdades sociais é difícil imaginar que a informação possa ser amplamente difundida e que possa beneficiar a sociedade como um todo.

Pensar em exclusão digital, de fato, não significa meramente pensar na falta de equipamentos ou sistemas computacionais de informação acessíveis à população, trata-se também de um processo de exclusão social, econômica e cultural. Conforme Schwartz (2000), a exclusão digital não significa somente deixar de ter acesso a bens eletrônicos como computadores, internet, telefones celulares e televisores via satélite, mas sim, continuarmos incapazes de pensar, de criar e de organizar novas formas, mais justas e dinâmicas, de produção e distribuição de riqueza simbólica e material.

Para Silveira (2001): “a exclusão digital ocorre ao se privar as pessoas de três instrumentos básicos: o computador, a linha telefônica e o provedor de acesso.” O autor destaca ainda que a exclusão digital não é mera consequência da exclusão social.

De fato, a exclusão digital não é uma consequência direta da exclusão social, apesar do fato de estar excluído socialmente em termos de renda, educação e emprego, entre outros, acaba interferindo negativamente na exclusão digital. Faz-se necessária uma diferenciação entre as duas formas de exclusão, pois há uma certa semelhança entre elas. A exclusão digital não está restrita ao fator renda, algumas pessoas, ainda que com renda compatível para o acesso e uso da Internet, por exemplo, não faz uso das novas tecnologias por. A questão geracional (TAPSCOTT, 1999) é um fator que interfere no processo de inclusão/exclusão digital.

Segundo Ferreira (2003), a exclusão digital, pelas características e o contexto que a envolve, tende a crescer numa especial virtualidade, sob uma muralha digital que procura convencer as pessoas que a inclusão está ali. Esta muralha nada mais é do que o intenso apelo consumista, em arranjos de notável inteligência mercadológica, que exige como suporte a infra-estrutura da informática. Neste sentido, continua a autora, é de se supor que o acesso a esses equipamentos e mesmo às ferramentas amigáveis de conexão com a Internet, sejam franqueados mais e mais a um número cada vez maior de pessoas.

Porém, segundo o filósofo Pierre Lévy,

“... não basta estar na frente de uma tela, munido de todas as interfaces amigáveis que se possa pensar, para superar uma situação de inferioridade. É preciso antes de mais nada estar em condições de participar ativamente dos processos de inteligência coletiva que representam o principal interesse do ciberespaço.” (LÉVY, 1999, p. 238).

2.2. Dados da Exclusão Digital

Nos estudos realizados no tocante à gravidade da exclusão digital no Brasil mostram que apesar de todo o desenvolvimento tecnológico, as pessoas das classes D e E, ou seja metade da população brasileira, não tem acesso ao computador. Apenas 12,46% da população brasileira tem acesso a computadores e somente 8,31% estão conectados à Internet (IBGE, 2006). A maioria destes poucos incluídos digitais, cerca de 97%, se concentra na área urbana, acentuando ainda mais o desnível e deixando as zonas rurais praticamente na escuridão digital. Estes percentuais expõem o cenário de exclusão digital em que vive grande parte da população brasileira.

Por regiões, a penetração do computador nas casas brasileiras é maior no Sudeste (estava em 20,5% das residências em 2002), seguido pelo Sul (19%) e pelo Centro-Oeste (14,6%). No Sudeste, 15,4% dos computadores domésticos tinham, na época, conexão com a web.

No quadro 1, logo abaixo, destaca-se a distribuição da população total e da população incluída digitalmente. Brasil, 2000. Pretende-se demonstrar os diferentes dados em diversas amostras como: situação de domicílio, cor ou raça e contribuição para a previdência.

Quadro 1. Distribuição da população total e da população incluída digitalmente. Brasil, 2000.

	População Total		Incluídos Digitais	
	População	Participação (em %)	População	Participação (em %)
Total	169.872.856	100,00	17.328.185	100,00
Situação de Domicílio				
Área urbanizada	135.615.944	79,83	16.849.493	97,24
Área não-urbanizada	1.250.580	0,74	75.434	0,44
Outros (*)	33.006.332	19,43	403.258	2,32
Cor ou raça				
Branca	91.298.042	53,74	13.822.499	79,77
Preta	10.554.336	6,21	419.185	2,42
Amarela	761.583	0,45	317.295	1,83
Parda	65.328.092	38,45	2.654.497	15,32
Indígena	734.127	0,43	27.286	0,16
Outras	1.206.675	0,71	87.424	0,5
Contribuição para a Previdência				
Contribui	6.198.855	3,65	1.736.245	10,18
Não contribui	26.880.461	15,82	1.856.011	10,71
Ignorado	136.793.539	80,53	13.708.929	79,11

Fonte: CPS/FGV: processamento de dados do Censo Demográfico 2000/IBGE. Adaptado por este autor.

Nota: (*) inclui diversos tipos de aglomerados rurais e de áreas rurais de extensão urbana.

2.3. Os meios de comunicação e as tecnologias da informação na Escola

Na há como negar que as mídias participam de nossa formação cultural de forma mais articulada a cada dia que passa. A experiência com as novas tecnologias parte dos padrões culturais, forjando modos de viver, de entender a si mesmo e a realidade. Os altos índices de audiência obtidos pelas novelas comprovam este fato, e levar em consideração o que os educandos assistem, e trabalhar isso com eles, faz parte do respeito que você deve ter pela sua formação cultural.

Como afirma Martin-Barbero apud Citelli (2004, p. 22):

Os meios de comunicação e as tecnologias da informação significam para a escola em primeiro lugar isto: um desafio cultural, que torna visível a distância cada dia maior entre a cultura ensinada pelos professores e aquela outra aprendida pelos alunos. Pois os meios não só descentram as formas de transmissão e circulação do saber como também constituem um decisivo âmbito de socialização através dos mecanismos de identificação/projeção de estilos de vida, comportamentos, padrões de gosto. É apenas a partir da compreensão da tecnicidade mediática como dimensão estratégica da cultura que a escola pode inserir-se nos processos de mudanças que atravessam a sociedade.

O desafio que ora se apresentamos, é o de disponibilizar aos educandos a possibilidade de utilizarem dos diversos tipos de mídias existentes na escola para produzir conhecimento. As escolas podem encontrar nas tecnologias uma possibilidade para o repensar e para a reconstrução de sua prática, da concepção de educação, de educador e de educando. Na verdade é que agora esses materiais não são mais percebidos como meros recursos para "tornar uma aula diferente". Agora, são vistos como componentes fundamentais da cultura, merecendo, portanto, uma atenção mais especial devido suas características próprias, para o que representam para o modo de vida atual e o potencial expressivo que proporcionam.

Nesse sentido Saraiva afirma que:

É algo frequente ouvirmos ou lermos sobre o "impacto" das novas tecnologias. Essa metáfora expressa uma representação de tecnologia que a coloca fora da cultura, sendo produzida numa exterioridade onde, talvez, estivesse a neutralidade tecnológica. As tecnologias de informação e comunicação, entre e elas a internet, estão articuladas com as mudanças sociais e não podem ser compreendidas como exteriores às mesmas. O que se deve interrogar são as condições que possibilitaram a invenção e disseminação dessas máquinas, mostrando-as como artefatos culturais que são. Seu uso provoca novos desdobramentos sociais, econômicos e culturais, que trazem novas demandas tecnológicas, havendo então uma relação circular entre cultura e tecnologia (SARAIVA, 2005, p.104).

2.4. Uma nova abordagem pedagógica

Neste trabalho, que visa viabilizar a integração das mídias e de conteúdos de diferentes áreas do conhecimento, bem como o trabalho em grupo, que favorece o desenvolvimento de competências, as quais se tornam cada vez mais necessárias na sociedade atual, propomos utilizar, além de outras possibilidades que veremos, a Pedagogia de Projetos.

Assim na pedagogia de projetos "o ensino e a aprendizagem por meio de projetos têm um pressuposto básico: trata-se de um projeto de ação. Vai se fazer algo, transformar, movimentar e participar. Mudar a realidade por meio de uma prática refletida. Pensar para fazer bem." (MEC/SEED, 2000,p.41)

Uma outra abordagem seria a aprendizagem colaborativa, onde os recursos tecnológicos são utilizados como possibilidades de execução de um projeto educacional, portanto, tem como pressuposto a interatividade entre seus interlocutores. Através da interatividade é possível participar, intervir e manipular a informação. Além disso, há uma produção conjunta, pois a mensagem é bidirecional,

é co-criação, rompendo com a transmissão unilateral e autoritária. E por fim, através de uma rede de conexões há liberdade de trocas, associações e significações, originando uma construção conjunta do conhecimento (SILVA, 2000).

O papel do professor passa a ser ainda mais importante do que o papel do facilitador ou do transmissor, seja ele crítico ou não. O professor necessita trabalhar num contexto criativo, aberto, dinâmico, complexo. Em lugar da adoção de programas fechados, estabelecidos a priori, passa a trabalhar com estratégias, ou seja, com cenários de ação que podem modificar-se em função das informações, dos acontecimentos, dos imprevistos que sobrevenham no curso dessa ação (Morin, 1996, p.284-5).

2.5. A função da Escola

No que foi visto anteriormente, a escola é chamada a atuar na preparação da população oferecendo-se aos professores uma capacitação aligeirada que não lhes oportuniza compreender, implica que as políticas públicas invistam efetivamente na capacitação de professores, oportunizando-lhes condições de questionar, produzir, transformar, bem como trabalhar com seus alunos nessa perspectiva.

Não podemos ainda esquecer, como nos lembra LIBÂNEO (2009, p 16-17):

[...] a escola continuará durante muito tempo dependendo da sala de aula, do quadro-negro, cadernos. Mas as mudanças tecnológicas terão um impacto cada vez maior na educação escolar e na vida cotidiana. Os professores não podem mais ignorar a televisão, o vídeo, o cinema, o computador, o telefone, o fax, que são veículos de informação, de comunicação, de aprendizagem, de lazer, porque há tempos o professor e o livro didático deixaram de ser as únicas fontes do conhecimento. Ou seja, professores, alunos, pais, todos precisamos aprender a ler sons, imagens, movimentos e a lidar com eles.

A educação não deve ser reduzida à técnica, "mas não se faz educação sem ela". Utilizar tecnologia na educação "em lugar de reduzir, pode expandir a capacidade crítica e criativa de nossos meninos e meninas. Depende de quem o usa a favor de quê e de quem e para quê". O homem concreto deve se instrumentar com os recursos da Ciência e da tecnologia para melhor lutar "pela causa de sua humanização e de sua libertação" (FREIRE, 1995, p.98).

De acordo com Elí Fabris (2001), o espaço escolar é marcado por sinais, momentos estanques, muros altos, paredes e classes que delimitam os territórios

dentro e fora da escola. Nesse espaço, “os assuntos versam sobre um tempo passado e projetos para o futuro, o presente não entra, parece que não é o seu momento ainda” (p.91). Segundo Fabris (2001), são:

[...] os caixas eletrônicos, cartões telefônicos, voto por computador, internet, videogames, sinaleiras inteligentes que fotografam os transgressores instantaneamente (capturando-os no tempo e no espaço da infração), que constituem amostras imediatas da materialidade desse novo espaço e tempo [...] (p.92).

Nesse sentido, parece que as mudanças pelas quais o mundo vem passando, acontecem muito rapidamente. De um lado a possibilidade de acesso a um número ilimitado de informações e conhecimentos, independentemente do espaço e do tempo em que nos encontramos e desenvolvemos nossas atividades cotidianas; de outro lado, está a escola, presa a um determinado tempo e espaço, tendo acesso a um número restrito de informações e conhecimentos organizados em forma de conteúdos segmentados, hierarquizados, que devem ser aprendidos em um determinado período num local geograficamente delimitado.

Tal cenário gera um sentimento de crise em que muitas vezes a escola passa a ser culpada por não modificar suas práticas. Nesse cenário, em que parece não haver mais uma “luz no final do túnel”, em que as soluções parecem não mais existir, as TICs passam a ser vistas como uma forma, uma possibilidade de as instituições escolares renovarem alguns instrumentos/ferramentas pedagógicas para melhor dispor as informações à aqueles que podem não se apropriar delas.

3. SITUAÇÃO EM ESTUDO

3.1 Caracterização Geral do colégio em estudo

O Colégio Estadual Padre “Jerônimo Onuma” – Ensino Médio da cidade de São Sebastião da Amoreira, sob a jurisdição do N.R.E. de Cornélio Procópio, com sede própria à Avenida Brasil nº 629, é o único colégio que oferece a modalidade de Ensino Médio na cidade. A Escola recebe alunos concluintes da 8ª série do Ensino Fundamental Regular do período diurno, vespertino e noturno, as características sócio culturais e econômicas da comunidade escolar, são na grande maioria pertencentes à classe baixa e média para baixa e os alunos do período noturno, uma grande porcentagem deles são trabalhadores rurais. A faixa etária média é de 14 á 18 anos, mas com uma porcentagem de alunos com idade acima de 18 anos.

No tocante aos alunos do período noturno a escola adota atualmente uma postura de ação pedagógica diferenciada, no que tange o encaminhamento metodológico, avaliação, forma de organização do horário semanal, no sentido de oportunizar uma aprendizagem eficiente sem com isso causar o empobrecimento do ensino.

3.2 Aspectos Históricos da Escola

O Colégio Estadual "Padre Jerônimo Onuma" – Ensino Médio, localizado à Avenida Brasil nº 629, no Município de São Sebastião da Amoreira, mantido pelo Governo do Estado do Paraná, teve outras denominações até assim se chamar devido à junção de duas outras escolas: Escola Normal Colegial Estadual “Geremias Lunardelli” e Colégio Comercial Estadual "Antonio Francischini".

O Ensino de 2º Grau no município teve início com a criação da escola Normal Colegial Geremias Lunardelli, pelo decreto nº 3556/66 de 30/12/66 do, então, governador, Paulo Pimentel e secretário da educação Carlos Alberto Moro. Recebeu este nome pelo decreto nº 7.028/66.

A professora Neuza Nivaldo Shoveigert foi a primeira diretora, sucedida pela professora Eufrida Maria Honório da Silva, designada pela portaria nº 55/67 até

1976, quando foi designado o professor Ângelo Irineu Furlanetto, pela Portaria nº 415/73 de 20/03/73 que permaneceu no cargo até 1979, quando houve a criação do Complexo Escolar Manoel Ribas.

No início a Escola Normal Colegial Geremias Lunardelli funcionou em prédio doado pela Prefeitura Municipal, situado na Avenida Antonio Francischini. Depois funcionou em salas de aulas cedidas pelo Grupo Escolar Visconde de Almeida Garret, no período matutino, na rua Papa João XXIII. Em 1976, passou a funcionar em prédio próprio na Avenida Brasil, nº 173, compartilhando as instalações com o Colégio Comercial Estadual Antonio Francischini.

Em 1979, foi aprovado o Plano de Implantação da reforma do Ensino, pela Lei 5692/71, parecer 039/79 de 19/02/79. A reorganização deu-se pela Resolução 2246/80 de 05/11/80, compondo o Complexo escolar Manoel Ribas do Ensino de 2º Grau com habilitação de Magistério e Auxiliar de Contabilidade. O reconhecimento deu-se pela resolução nº 122/82, publicada no Diário Oficial de 10/02/80.

A instalação das 4 primeiras séries do 1º grau passou a funcionar a partir de 1989, pela Resolução 3373/88, passando a denominar-se Colégio Estadual "Padre Jerônimo Onuma" – Ensino de 1º e 2º graus.

No dia 29 de Novembro de 1996 a direção encaminhou à chefia do Núcleo Regional de Educação (Ofício nº 40/96) o Termo de adesão ao Programa de Expansão e Melhoria e Inovação do Ensino Médio, com implantação gradativa para o ano 1997. Para tanto, a direção solicitou, pelo ofício 12/97 e 15/97, de 24 de abril de 1997, a cessação dos cursos Auxiliar de contabilidade e Magistério. A cessação deu-se pelo Parecer 992/97, de 06/06/97, da Coordenação de Estrutura e Funcionamento da SEED para o curso de Auxiliar de Contabilidade e pela Resolução 2.283/97, de 03/07/97 para o curso de Magistério, no final do ano letivo de 1999. Pelo parecer nº 977/97, de 06/06/97, da Coordenação de Estrutura e Funcionamento da SEED, revoga a autorização de funcionamento da Habilitação de Magistério e pela resolução 2.290/97, de 03/07/97, cessa definitivamente as atividades escolares da Habilitação Magistério, no ano letivo de 2000.

A partir de 1993 as escolas do Paraná passaram a ter eleições para escolher seus diretores. A última diretora nomeada indiretamente foi a professora Neide Garcia Ramalho por Ato Administrativo nº 05/79, de 23/04/79. Sendo nomeada em 1983, designada pela Resolução nº 2.827/83, de 07/08/83, continuando em 1985.

Em 1987, transmitiu o cargo para a professora Maria José Gonçalves Toncovitch, designada pela Resolução nº 4879/87, de 28/12/87.

Em 1997 foi eleito para o cargo de Diretor o Professor Enio Proença Araújo, tendo como Diretora Auxiliar a professora Lucimara Ferraz Martins Vidotti.

A Escola conta com as seguintes instâncias colegiadas: Associação de Pais e Mestres e Funcionários, Conselho Escolar, Conselho de Classe Participativo, Alunos Representantes de Turmas, Equipe Pedagógica, Professores do Ensino Médio habilitados em suas disciplinas de atuação e a grande maioria com Curso de Pós-Graduação, em nível de Especialização.

Com verba do governo do Estado (PROEM) o Estabelecimento passou por reformas, construção de cobertura, pintura, adaptação do espaço físico. Com recursos da Feira de Informática foram adquiridos computadores.

A implantação do Ensino Médio foi aprovada e também sua proposta curricular pela SEED, através do DESG pelo Parecer nº 08/98 de 23/03/99, sendo gradativa a implantação.

De conformidade com a LDB nº 9394/96, Deliberação nº 003/98 – CEE e resolução nº 3.120/98 – DESG/SEED, o Núcleo Regional de Educação, através do Ato Administrativo nº 289/98 de 23/98/98 adequou a nomenclatura do Colégio o qual passou a ser denominado "Colégio Estadual Padre Jerônimo Onuma" – Ensino Fundamental e Médio.

Em 2.005, foi eleito para o cargo de Diretor, o Professor Jair Antonio Francischini, formado em Geografia, assumindo a direção do Colégio Estadual Jerônimo Onuma em 2006, Resolução 058/06.

Em 2.008, foi reeleito para o cargo de Diretor, o Professor Jair Antonio Francischini, formado em Geografia, assumindo a direção do Colégio Estadual Jerônimo Onuma . Resolução 5909/08 DOE, bem como a professora de Língua Portuguesa Regina Maria Ribeiro pertencente ao quadro próprio do magistério para fazer parte do quadro de profissionais da escola como diretora auxiliar, conforme a Resolução 5909/08 DOE 24/12/2008.

3.3 Espaço Físico

O Colégio “Padre Jerônimo Onuma” – Ensino Médio da cidade de São Sebastião da Amoreira, possui 08 (oito) salas de aulas, 01 laboratório de Ciências (Biologia, Química e Física), 01 sala de aula destinada à Biblioteca, 1 sala de biblioteca do professor, Banheiro Masculino e Feminino, ambos com 04 sanitários para os alunos e um sanitário para os professores, 01 sala do Diretor, 01 sala da Equipe Pedagógica e 01 sala dos professores, 01 cantina e Pátio, 01 quadra para prática esportiva. A Escola é totalmente murada com portões. Das 08 salas de aula uma será destinada para o Laboratório de Informática, conseqüentemente o horário de funcionamento será no período matutino, vespertino e noturno.

3.4 Oferta de Cursos e Turmas

O Colégio oferece Ensino Médio, atualmente conta com 16 turmas, sendo 06 no período matutino, 05 no período noturno, 05 no período vespertino.

São: 02 - 1ª série matutino: 68

02 - 2ª séries matutino: 51

02 - 3ª séries matutino: 51

01 - 1ª série vespertino: 27

01- 2ª série vespertino: 13

01- 3ª série vespertino: 11

01- 2ª Formação de Docente vespertino: 29

01- 3ª Formação de Docente vespertino: 28

01 - 1ª séries noturno: 29

02 - 2ª séries noturno: 49

02 - 3ª séries noturno: 57

Total de alunos do Ensino médio: 413

4. METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada em uma escola pública municipal da cidade de São Sebastião da Amoreira – Paraná, já mencionada. O questionário foi aplicado para uma amostra de 100 alunos, numa população de 413. Dos 100 alunos, 60 são dos períodos matutino e vespertino e 40 do período noturno.

Para o desenvolvimento da pesquisa foram usados dois tipos:

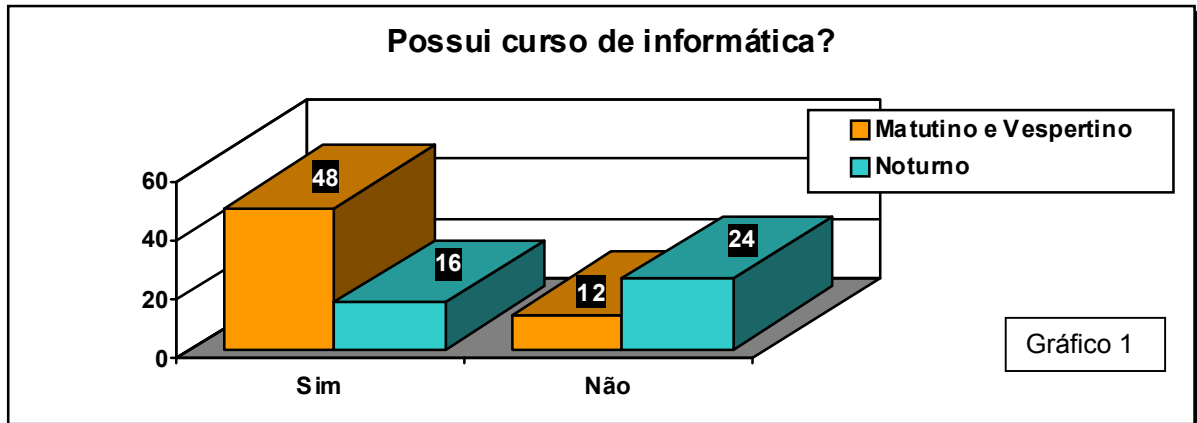
- a) A PESQUISA BIBLIOGRÁFICA, onde foram usadas fontes bibliográficas que deram embasamento e esclarecimento a respeito do tema proposto, tais como Livros de referência, jornais e revistas; e Impressos diversos.
- b) PESQUISA DE CAMPO, utilizou-se pessoas como fonte, objetivando recolher e registrar dados sobre o assunto em estudo (Técnica de Coleta de Dados). Para a coleta de dados foi usado o questionário com questões abertas, questões com alternativas fixas (fechadas) ou mistas.

5. PESQUISA DE CAMPO

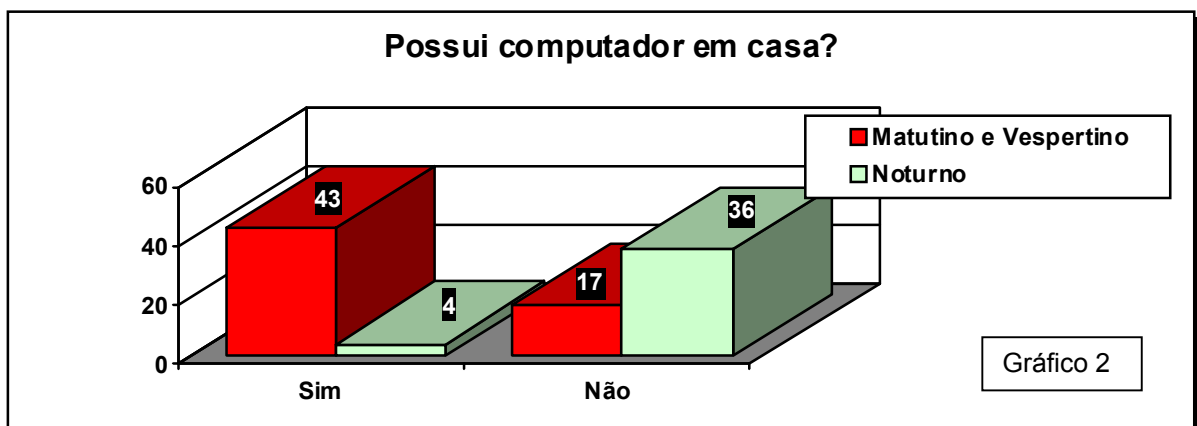
No período de setembro e outubro de 2010 realizamos no Colégio Estadual Padre Jerônimo Onuma, de São Sebastião da Amoreira - PR., uma pesquisa para ver qual era o grau de informação, acesso a meio de comunicação e acesso a informação, que alunos dos diferentes períodos possuíam. O objetivo era levantar dados para identificar as desigualdades existentes entre um período e outro e as dificuldades que os alunos do período noturno encontram ao se apropriarem de informações.

O resultado demonstra uma disparidade muito grande entre um período e outro com relação ao acesso a tecnologias, mídias e informação.

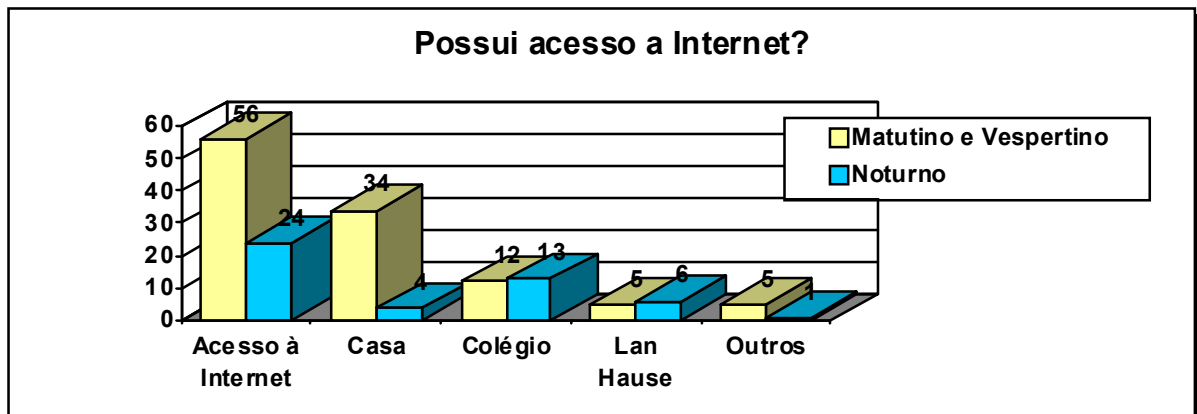
A primeira questão colocada aos alunos foi se eles possuíam curso de informática (gráfico 1). Aqui já se percebe que há uma diferença muito acentuada em relação aos períodos. Dos alunos do matutino e vespertino 80% (48 de 60 alunos) possuem curso. Já no período noturno apenas 40% (16 de 40 alunos) possuem. Ou seja, metade nunca fez um curso de informática, portanto não tem condições de acessar adequadamente os computadores da escola para obter informação.



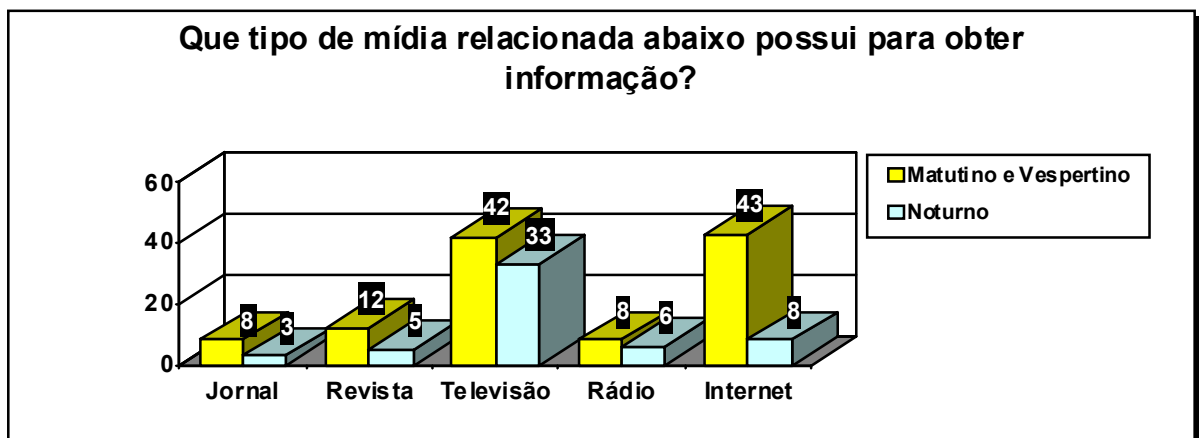
Sobre se os alunos possuem computador em casa, os dados são mais acentuados (gráfico 2). Dos alunos do matutino e vespertino 71,7% (43 de 60 alunos) possuem o equipamento. Já no período noturno apenas 10% (4 de 40 alunos) possuem. Com esses dados fica mais evidente que os alunos do período noturno ficam dependentes do acesso a esse tipo de mídia, somente na escola. Fato que pouco acontece, pois não há uma disciplina voltada a esse tipo de estratégia, que é levar os alunos a conhecer o computador, seu funcionamento, sua função, seus recursos, etc.



Quando questionados sobre se possuem acesso a Internet, dá para notar que os dados não são tão díspares (gráfico 3), apesar de ainda haver uma diferença a considerar. Dos alunos do matutino e vespertino 93,3% (56 de 60 alunos) possuem acesso, sendo que 60% (34 de 56 alunos) acessam a internet em casa, 21,4% no colégio, 8,9% em lan house e 8,9% de outras formas. Já no período noturno 60% (24 de 40 alunos) possuem acesso. Mas aqui cabe notar um dado importante, dos que tem acesso, mais da metade, 54,1% (13 de 24 alunos) acessa a internet no colégio.



O ultimo questionamento foi com relação aos tipos de mídias que eles utilizam para obter informação. Não foi especificado na questão qual tipo de informação. Nesta questão fica evidente que, em todos os tipos de mídias, os alunos do matutino e vespertino possuem maior acesso, dando destaque ao acesso a internet. Outro dado importante é que a mídias que todos tem mais acesso é a televisão, com 70% para os alunos do matutino e vespertino e 82,5% para os do noturno.



O que fica evidente, em todos os dados coletados, é que os alunos do período noturno praticamente não possuem acesso as mídias que possam fornecer informações aos mesmos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho serviu para constatar que existe uma diferença muito grande entre os alunos do período noturno em relação aos outros períodos, no tocante à apropriação de informações por meio de mídias disponíveis para esse propósito.

Acredita-se que a comunidade educacional deva assumir um compromisso para que o professor possa apropriar-se da metodologia construída, por meio da qual os alunos do período noturno encontrem seus caminhos, possibilitando-lhes participar do processo de apropriação de informações. Logo, após todas essas constatações, sente-se a necessidade de a escola mudar seu paradigma educacional e oferecer oportunidade para esses alunos de terem acesso aos diferentes tipos de mídias e com isso poderem construir seu conhecimento; desenvolvendo suas potencialidades, sentindo-se incluídas e não excluídas.

Portanto deve-se desenvolver um ambiente construcionista, contextualizado e significativo para ser compartilhado por todos os alunos. Nessa pesquisa detectou que os alunos do período noturno necessitam de informações, mas não podem ter acesso a elas.

Observou-se que é primordial que alunos e professores tenham acesso imediato a fontes de pesquisa atualizadas no momento em que necessitarem de maiores esclarecimentos sobre assuntos em evidência. Diante disso, terão futuro o estudante e o professor que souberem lidar com imprevistos, adaptar-se rapidamente às mudanças, fazer pesquisas e interpretar dados.

Dentre as várias atividades que poderiam ser desenvolvidas para que todo esse processo pudesse reverter em melhoria do conhecimento dos alunos, citamos a criação de um jornal impresso, onde seria elaborado um resumo dos acontecimentos, envolvendo diferentes temas e distribuído aos alunos; desenvolvimento de debates, onde dois grupos de alunos discutiram sobre determinado tema, escolhido por meio de pesquisa junto à comunidade escolar; criação de um *blog*, onde os alunos poderiam socializar toda a informação com os demais e também criar uma fonte de diálogo entre a informação e os participantes das atividades.

Os trabalhos seriam desenvolvidos no período da manhã e tarde, por alunos do período da manhã e vespertino, em contra turno, utilizando-se os diferentes recursos tecnológicos e de mídias disponíveis na escolar. Com isso, alunos e professores usariam os mais diversos tipos de mídias para produzir outras mídias, disponibilizando o produto produzido aos “excluídos da era da informação”.

Não só deve-se formar alunos com conhecimento enciclopédico, mas possam desenvolver essa inteligência para resolver problemas e buscar soluções. É primordial formar também alunos com valores, sentimentos que os identifiquem como ser social, compreendendo o desenvolvimento de convicções, vontades e outros elementos que o transforme de forma multilateral. Tudo isso deve conduzir o aluno a uma posição transformadora, que promova as ações coletivas, a solidariedade e o viver em comunidade.

7. REFERÊNCIAS

BAGGIO, Rodrigo. A sociedade da informação e a infoexclusão. Ci. Inf., Brasília, v. 29, n. 2, p. 16-21, maio/ago. 2000.

CASTELLS, Manoel. A Galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CITELLI, Adilson. Educação e mudanças: novos modos de conhecer. In: CHIAPPINI, Ligia. Aprender e ensinar com textos não escolares. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

FERREIRA, Roseli, As Faces da Exclusão Digital e o Esforço da Inclusão, Programa de Pós-Graduação em Multimeios, Departamento de Multimeios do Instituto de Artes da Unicamp, 2003. Disponível em <http://www.iar.unicamp.br/disciplinas/am625_2003/roseli_artigo.html>. Acesso em 10 Out. 2010.

FREIRE, I. M., Acesso à informação e identidade cultural: entre o global e o local, Ciência da Informação, 2006, v. 35, n. 2, p. 58-67.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. MEC/SEED.Proinfo: Aprendendo com projetos.Secretaria de Educação a distância. Brasília: Ministério da Educação, Seed,2000a.

IBGE, A ENCE aos 50 anos: Um olhar sobre o Rio de Janeiro, Escola Nacional de Ciências Estatísticas, Rio de Janeiro, 2006.

LEVY, Pierre. Cibercultura. 1ª edição, São Paulo: Editora 34, 1999.

LIBÂNEO, J.C. Adeus professor, adeus professora?: Novas exigências educacionais e profissão docente. Coleção: questões de nossa época. Vol.67. 9. ed.São Paulo: Cortez, 2009.

MAPA DA EXCLUSÃO DIGITAL. Rio de Janeiro: FGV;IBRE, 2003. 143p.

MEC/SEED.Proinfo: Aprendendo com projetos.Secretaria de Educação a distância. Brasília: Ministério da Educação, Seed,2000c.

MORIN, Edgar. Epistemologia da complexidade. In: SCHNITMAN, Dora Fried (org.). Novos paradigmas, cultura e subjetividade. Porto Alegre : Artes Médicas, 1996. pp. 274-289.

SARAIVA, Karla. Outros Tempos, outros Espaços: Internet e Educação. Projeto Tese (Doutorado) – Universidade do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2005.

SCHWARTZ, Gilson. Exclusão digital entra na agenda econômica mundial. Artigo publicado na Folha de São Paulo em 18/06/2000, São Paulo.

SILVA, Marco. Um convite à interatividade e à complexidade: novas perspectivas comunicacionais para a sala de aula. In: GONÇALVES, Maria Alice Rezende (org.). Educação e cultura: pensando em cidadania. Rio de Janeiro : Quartet, 1999. p. 135-167.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. Exclusão digital: a miséria na era da informação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

TAPSCOTT, Don. A crescente e irreversível ascensão da geração net. São Paulo: Makron, 1999.

ANEXO

ANEXO A – QUESTIONÁRIO DA PESQUISA

Em relação ao uso de recursos tecnológicos, como os computadores, você:

1. Possui curso de informática?

Sim Não

2. Possui computador em casa?

Sim Não

3. Possui acesso a internet?

Sim Não

Onde? Casa Colégio Lan house Outro lugar

4. Que tipo de mídia relacionada abaixo possui para obter informação?

Jornal

Televisão

Rádio

Internet

Outros

Muito obrigado por sua participação.